

**O QUINZE: REVISITANDO A IMPORTÂNCIA DE RACHEL DE QUEIROZ  
PARA A CULTURA CEARENSE, A LITERATURA BRASILEIRA E O  
FEMINISMO NO BRASIL DO SÉCULO XX**

Yls Rabelo Câmara<sup>18</sup>  
Yzy Maria Rabelo Câmara<sup>19</sup>  
Melina Raja Soutullo<sup>20</sup>

**Resumo:**

O fenômeno da seca, que assola o sertão nordestino de tempos em tempos, está intrinsecamente vinculado à memória daqueles que dele escapam como a “crônica de uma tragédia anunciada”. Algumas obras primas de nossas Letras como *O Quinze*, de Rachel de Queiróz, ambientado no eixo Quixadá-Fortaleza (Ceará) de 1915, retratam o horror vivido pelos nordestinos pobres e desassistidos que padecem as consequências desta catástrofe que há muito deveria ter sido solucionada. Após um lapso de cem anos, a seca que inspirou a autora a escrever este que foi seu primeiro romance, volta ao cenário nacional no momento em que o debate orbita em torno da “indústria da seca”. Pioneira, Rachel de Queiroz, assumidamente comunista, foi a primeira escritora a tornar-se membro da sexista e androcêntrica Academia Brasileira de Letras, abrindo espaço para outras escritoras igualmente exponenciais como Ana Maria Machado, Diná Silveira de Queirós, Cleonice Berardinelli, Rosiska Darcy de Oliveira, Lygia Fagundes Telles, Zelia Gattai e Nélide Piñon. Passados doze anos de seu falecimento, Rachel de

---

<sup>18</sup> Yls Rabelo Câmara é licenciada e especialista em Letras (Português – Inglês) pela Universidade Estadual do Ceará, mestra e doutoranda em Filologia Inglesa (Letras – Inglês) pela Universidade de Santiago de Compostela e especializanda no ensino do espanhol como língua estrangeira pela Faculdade Ateneu. [yiscamara@hotmail.com](mailto:yiscamara@hotmail.com).

<sup>19</sup> Yzy Maria Rabelo Câmara é licenciada e bacharel em Psicologia e bacharel em Serviço Social pela Universidade de Fortaleza e Universidade Estadual do Ceará respectivamente e mestra em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará. [yzyrabelo@hotmail.com](mailto:yzyrabelo@hotmail.com).

<sup>20</sup> Melina Raja Soutullo é licenciada e mestra em Filología Hispânica pela Universitat de València. [noaveiga@hotmail.com](mailto:noaveiga@hotmail.com).

Queiroz continua sendo uma referência literária academicamente relevante, especialmente quando o tema é intrepidez e vanguardismo.

**Palavras-chave:** Romance regional, Feminismo, Seca, Nordeste brasileiro.

**Abstract:**

El fenómeno de la sequía, que ha asolado el *sertão* del nordeste de Brasil desde hace mucho tiempo, está intrínsecamente vinculado con la memoria de los que han logrado escapar de él, como una “crónica de una *tragedia* anunciada”. Algunas obras maestras de nuestras Letras, como *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, ubicada en el eje Quixadá-Fortaleza (Ceará) de 1915, retratan el horror experimentado por los nordestinos pobres y desasistidos que sufren las consecuencias de unas catástrofes que deberían haberse solucionado cientos de años antes. De tal modo, la sequía que inspiró a la autora a escribir su primera novela vuelve al escenario nacional en el momento en el que se está debatiendo la “industria de la sequía”. Rachel de Queiroz fue una escritora pionera, que se declaró comunista; la primera escritora en hacerse miembro de la Academia Brasileña de Letras, lo cual abrió paso a otras escritoras igualmente relevantes como Ana Maria Machado, Diná Silveira de Queirós, Cleonice Berardinelli, Rosiska Darcy de Oliveira, Lygia Fagundes Telles, Zelia Gattai y Nélide Piñón. Doce años después de su fallecimiento, Rachel de Queiroz sigue siendo una referencia literaria académicamente relevante, especialmente cuando el tema está relacionado con la intrepidez y el vanguardismo.

**Palabras clave:** Novela regional, Feminismo, Sequía, Nordeste brasileño.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No inconsciente coletivo da nação, as secas estão visceralmente ligadas ao nordeste do país. Tão forte é esta associação que, mesmo havendo seca no sul e no sudeste brasileiros nos tempos atuais, o que prevalece é a imagem que se faz do nordestino faminto, escapando da morte ao deixar para trás sua casa de taipa e seu gado esquálido, que perecerá de fome e sede longe do dono, e cujos esqueletos repousarão no solo rachado e ferirão a retina de quem os retratar.

Mais do que um problema geográfico-hidrológico, a seca é para nós um problema de cunho político. As verbas destinadas para saná-la, desviadas para as contas bancárias de terceiros, evidenciam o desmando que sempre caracterizou nossa região como mais um berço da corrupção, em um país onde, como bem definiu Antônio Delfim Netto: “o braço da justiça não alcança os homens de dinheiro”.

Neste cenário de pobreza, onde a miséria está unida ao descaso, Rachel de Queiroz entronizou suas personagens e o enredo vanguardista de sua primeira obra publicada, que a catapultaram do anonimato para o foco da atenção de literatos e leitores. Para que evidenciemos a importância de *O Quinze* para nossa Literatura, cultura e História, primeiramente discorreremos sobre o fenômeno das secas no Nordeste e o contexto histórico que as envolvem. Em seguida, tratamos desta obra como pioneira para, por último, traçarmos um perfil de Rachel de Queiroz como escritora.

### **As secas sazonais no Nordeste e seu contexto histórico**

A estiagem no Nordeste é um fenômeno periódico que provoca um êxodo rural que impacta no social. As secas mais avassaladoras, responsáveis pela grande mortandade provocada pela fome e pelas doenças delas advindas, registradas com dor e presentes na memória dos nordestinos da época em que ocorreram e na de seus descendentes, são: as de 1877-1879, a de 1915, a de 1934-1936 e a de 1979-1985.

Dentre estas, a de 1877-1879, ainda no Brasil Império, provocou a migração forçada de parte dos cearenses afetados para a região Norte, mais amena e promissora. Destarte, os filhos do Ceará, junto com outros nordestinos, ajudaram a impulsionar o primeiro Ciclo da Borracha. Na tentativa de solucionar o problema da estiagem, retendo água em reservatórios apropriados, Dom Pedro II investiu na abertura de estradas e no estudo da geografia local por meio de engenheiros brasileiros e ingleses e concluiu-se que a construção de barragens e açudes poderia ser uma solução (SCOVILLE, 2011). Foi assim que surgiram projetos que foram executados *a posteriori* pelos subsequentes governos republicanos, o Instituto de Obras contra as Secas (atual DNOCS) foi criado no governo de Nilo Peçanha, nosso sétimo Presidente, e açudes como o do Cedro foram concretizados.

Com as estradas abertas, os flagelados da “Seca de 77”, famintos e doentes, invadiram os grandes centros urbanos em busca de comida, refúgio e amenização de suas dores; saquearam estabelecimentos comerciais de Fortaleza, implantando o pânico entre a população. Sobre isso e o processo de higienização, Rios (2001 *apud* SCOVILLE, 2011, p. 175) comenta que:

Até meados de 1878, existiam muitos abarracamentos de retirantes localizados em áreas centrais da capital. O processo de “higienização” da cidade foi executado, então, com base em estudos técnicos que recomendavam a transferência dos retirantes para regiões periféricas estrategicamente escolhidas de modo que o vento não levasse as moléstias

para a população de Fortaleza. Com o passar dos anos, a insistência nessa linha de ação contribuiu, entre outras consequências, para a formação de alguns dos atuais bairros e favelas de Fortaleza.

Com as estiagens de 1915 e 1934-1936 vieram os campos de concentração ou os currais do governo, que objetivaram evitar que os flagelados seguissem ocupando e saqueando a capital do Ceará. A Seca do Quinze foi o cenário para a implantação do primeiro destes campos, no Alagadiço, a oeste de Fortaleza, com cerca de oito mil pessoas mal alimentadas e mal cuidadas, vigiadas de perto por soldados nada complacentes que Rachel de Queiroz plasmou em sua obra de estreia, *O Quinze* (1930). Repetindo o que ocorrera na Seca do Quinze, na seca de 1934-1936 os campos de concentração foram novamente cogitados e implantados. Desta vez não somente no Alagadiço e no Pirambu, em Fortaleza, mas estendidos para outras regiões do estado, providas de estações de trem, como Quixadá, São Mateus, Quixeramobim, Ipu, Crato, Senador Pompeu e Cariús. Confinados, os retirantes eram obrigados a seguir rígidas regras de conduta e não podiam partir sem autorização (SCOVILLE, 2011). Um aglomerado de aproximadamente setenta e três mil pessoas foi reunido nestes redutos insalubres e, deste total, uma parcela foi utilizada nas trincheiras da Revolução de 1932, em São Paulo.

De acordo com Ribeiro (2012), quando da seca de 1934-1936, o cenário político nacional estava impregnado pelo populismo de Getúlio Vargas, com a implantação do Estado Novo e as transformações político-culturais e sociais do período entre guerras, além da ascensão do Socialismo em escala mundial e do medo que campeava os sertões, infundido por cangaceiros e cangaceiras que tinham em Lampião seu líder máximo. No terreno da fé, políticos como Padre Cícero Romão Batista, ligado ao coronelismo e aos cangaceiros, ainda que sub-repticiamente, dominavam a volição de seus seguidores e os manipulavam. Um panorama mais completo daquele momento histórico é-nos facilitado por Cattapan (2012, p. 99-100) nestes termos:

Na década de 30, tornou-se cada vez mais evidente a incapacidade do capitalismo liberal de solucionar as mazelas sociais que ele mesmo engendrava. Após a Primeira Guerra Mundial e no rastro da crise de 29, era tempo de pensar novos caminhos para a crise do sistema capitalista e novos meios de fazer frente à expansão imperialista que levava à Primeira Guerra. Nesse contexto, proliferaram ideologias que buscavam se firmar como alternativa ao capitalismo liberal: fascismo, nazismo, anarquismo, comunismo, socialismo. A extrema direita e a extrema esquerda empreendiam um feroz embate ideológico em busca de predomínio, engendrando uma época de radicalismos e polarizações. No Brasil, essa polarização também se fez fortemente presente. É o período de crescimento

do Partido Comunista, de organização da Aliança Nacional Libertadora e também da Ação Integralista, do populismo trabalhista de Getúlio e do Estado Novo. Em tempo de polarizações e radicalismos ideológicos, os artistas e intelectuais são levados a tomar posição. Alguns se voltam mais à direita, mergulhando nos ideais fascistas ou no catolicismo conservador. Outros, mais à esquerda, adotam o pensamento marxista ou produzem uma arte socialmente engajada com os problemas do país. Nesse clima de polarizações, os romancistas da década de 30 precisaram escolher um dos lados. Os escritores que se posicionaram mais à esquerda produziram a literatura mais consistente do período. Eram romances de denúncia, de combate, socialmente engajados, cuja vertente nordestina foi carro-chefe. Esta tinha como temas a seca, o cangaço, a decadência dos engenhos, a miséria dos migrantes, a crise econômica do Nordeste.

Entre estes últimos Rachel de Queiroz encontrou seu lugar e nele destacou-se, inspirada pelos romances regionalistas nordestinos que surgiram como uma resposta ao abandono em que o Nordeste sempre esteve submerso, mesclando preocupações sociais com ideias marxistas:

Sem superar a antiga rivalidade, o antagonismo entre modernistas e regionalistas da década de 1920 evolui para uma espécie de convergência nos romances nordestinos da década seguinte, numa síntese que agrega os temas nordestinos, a renovação da linguagem literária e a nova abordagem histórica e sociológica da região. Além disso, incorpora uma forte preocupação social e um sentido político muitas vezes vinculado aos preceitos do marxismo. A grande repercussão dos romances de autores como José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos completa um quadro em que se consolida o reconhecimento do Nordeste como unidade regional, bem como difunde os temas que, desde então, estariam associados à região e formariam seu conceito identitário (SCOVILLE, 2011, p. 47).

Antes dela, aclamou-se uma plêiade de escritores cujas obras literárias têm como pano de fundo o fenômeno das secas. Dentre eles: José de Alencar, com *O Sertanejo* (1875); Franklin Távora, com *O Cabeleira* (1876); José do Patrocínio, com *Os retirantes* (1879); Rodolfo Teófilo, com *A fome* (1890); Domingos Olímpio, com *Luzia-Homem* (1903) e José Américo de Almeida, com *A Bagaceira* (1928). Nelas, o estilo realista/naturalista e a preocupação com as consequências das estiagens se mesclaram com o contexto político da época em que estes escritores cristalizaram em forma de romance, além de outros subtemas, de acordo com Telles (1990 *apud* SCOVILLE, 2011, p. 109), “a migração, o cangaço, o messianismo, o coronelismo, a prostituição, a conscientização, o folclore e o conflito de vivência no sul do país”.

Sem embargo, por mais importantes que estas obras tenham sido em seu momento e atualmente, quando fazemos uma releitura daqueles idos através das lentes de intelectuais como os supracitados, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, revela-se como

um romance precursor: a obra-prima de uma jovem desconhecida e que transferiu para seu primeiro trabalho publicado as ideias marxistas que a fizeram vibrar, não se utilizando de seu português polido, mas do linguajar de seu povo, vítimas diretas ou indiretas das secas sazonais. Seu pioneirismo é o tema que analisamos a seguir.

### ***O Quinze*, o romance regionalista pioneiro**

A Seca do Quinze não foi a mais avassaladora das que vimos mencionando neste trabalho, mas foi a mais marcante para Rachel de Queiroz porque teve lugar quatro anos antes de seu nascimento, levou consigo a plantação de arroz e quase todo o gado da família, segundo Oliveira *et al.* (2012), e forçou-os a migrar para o Rio de Janeiro, Belém do Pará, Fortaleza, Guaramiranga e Quixadá (RENARD, 1970 *apud* HAI DUKE, 2008, p. 63). Contudo, conforme Ribeiro (2013), a procissão de migrantes esfomeados continuou e alcançou a infância de nossa escritora, quando já morava com os pais, irmãos e agregados em uma fazenda localizada a dezoito quilômetros da cidade de Quixadá. Pouco antes, já morando em Fortaleza com a família, em uma casa grande no bairro do Alagadiço, onde se estabelecera o primeiro campo de concentração do estado do Ceará, frequentemente a ele se dirigiam Rachel e suas tias com o intuito de prestar auxílio.

A publicação d'*O Quinze* impressionou primeiramente pela linguagem utilizada na obra, que é simples e direta, o que a aproximou do povo pela forma como a autora plasma o linguajar do sertão. Ao contrário dos romances regionalistas anteriores, este, tal como afirma Cattapan (2012), apresenta inovações importantes que contribuíram para com as obras de cunho regional subsequentes, como, por exemplo, o foco do enredo nas relações humanas e não na seca em si. Em suma, podemos dizer que, como apontam estes investigadores:

[...] la temática de la obra en análisis tiene carácter documental, sociológico, y autobiográfico, el cual comprende todos los problemas condicionados por la sequía de forma global: la sequía que acarrea la esterilización de la tierra y del hombre; la migración, siendo esta la única posibilidad de vida para el emigrante y la oralidad fecunda y viva en el escenario de esa ficción (RIBEIRO, 2012, p. 146).

[...] em *O quinze*, com um caráter mais psicológico, a narrativa é centrada principalmente nos diálogos interiores das personagens; assim o espaço externo deixa de ser a parte mais importante e a tensão é centrada na comunicação fragmentada e na incomunicabilidade. Observa-se, desta maneira, um isolamento típico para o moderno e seus personagens, que vivenciam uma descontextualização permanente nos seus enquadramentos sociais. Por isso, o predomínio em toda a narrativa dos silêncios e a escassez

na fala de Chico Bento e sua família demonstram não somente as misérias da vida, mas também a sua solidão existencial (HAIDUKE, 2008, p. 99).

Quanto à forma dos modernistas e regionalistas dos anos 30 utilizarem a linguagem escrita para a expressão de suas ideologias e a captação de um público leitor fiel, podemos dizer que:

[...] enquanto os modernistas de 22 empreendiam experimentações com a linguagem em busca de uma nova forma, rompendo com a linguagem parnasiana vigente até então, os romancistas de 30 propunham o engajamento social e político da literatura, defendiam a necessidade de um posicionamento ideológico. A forma de ver o Brasil e as considerações sobre o destino do país também mudam bastante de uma geração para a outra. A geração de 20 acreditava, numa concepção vanguardista, que o Brasil era um país novo, a ser construído, numa visão utópica em que o país se encontrava em processo de desenvolvimento e modernização; é, portanto, uma visão otimista de acordo com um projeto de vanguarda artística. Para a geração de 30, entretanto, o presente do país é desastroso e pouco promissor. [...] buscaram transpor para a literatura a língua falada cotidianamente pelo povo. A linguagem utilizada era propositalmente simples, a narração mais enxuta, direta e sintética, com o objetivo de alcançar uma maior proximidade do público e um maior poder de penetração de sua mensagem. Para a geração de 30, os experimentalismos dos modernistas de 22 produziram uma linguagem artificial e pouco compreensível para o público, ainda que buscassem captar a língua falada no Brasil (CATTAPAN, 2012, p. 100, 102).

No que concerne à narrativa d'*O Quinze*, a mesma não se faz sobre os acontecimentos *per se*, mas sobre cenas conectadas tal qual na linguagem cinematográfica, consolidada pelos modernistas paulistas de 1922, de quem Rachel era profunda admiradora. Além disso, há três núcleos distintos no enredo, cada um com seu protagonista, que por vezes se cruzam. A novidade do estilo narrativo desta obra está, como aponta Cattapan (*ibidem*, p. 103):

[...] no enfoque, na forma, na linguagem, na estruturação do enredo, nos ideais defendidos. Os romances nordestinos que abordavam a seca antes de *O quinze* tinham ainda forte cunho naturalista, com preocupações científicas e linguagem rebuscada, ainda sob nítida influência da obra de Euclides da Cunha, ou traziam uma narração excessivamente dramática e artificial. *O quinze* introduz uma linguagem simples e direta. A descrição da seca é feita de forma objetiva, com o predomínio de substantivos sobre adjetivos e advérbios. A narrativa é enxuta, prende-se ao essencial e dispensa o supérfluo. A narração é sóbria, sem apelar para sentimentalismos românticos, nem para o brutalismo naturalista. O tom dramático está na situação descrita, não nos artifícios do narrador.

Duas outras novidades que a autora introduziu com este romance foram a profusão de diálogos sem a quase interferência do narrador e a pluralidade de planos narrativos. O enredo possui dois eixos principais, o sertão e a cidade, cruzados pelas vinte e uma personagens pertencentes a planos distintos em seus deslocamentos,

encontros e desencontros, mas que não estão especialmente destinados a coincidirem. Este movimento pendular entre cidade-sertão-cidade encontra eco na própria autora, que passava seis meses em seu apartamento, no Rio de Janeiro, e seis meses em sua fazenda “Não Me Deixes”, em Quixadá, herança de seu pai e onde ela bebia de suas origens para logo voltar à solidão da cidade grande. *O Quinze* é, sobretudo, uma obra que evidencia contrastes irreconciliáveis. Por exemplo: Dona Inácia e Conceição não comungam das mesmas ideias quanto ao papel da mulher na família e na sociedade; Vicente, homem inculto, conservador, vigoroso e ligado às tradições, à terra e ao sertão, em nada se parece com o irmão bacharel, artificial e afetado, que vive na cidade, desapegado de suas origens e de sua família.

Pode-se dizer também que com *O Quinze*, Rachel de Queiroz estabeleceu-se como uma pioneira da Literatura feminista no Brasil (RIBEIRO, 2013). Não obstante, segundo Gomes (2010, p. 45), “[...] essa obra continua sendo pouco explorada pela crítica feminista e pelos estudos de gênero quanto às particularidades de como a identidade feminina é construída nesse romance”. Nela, a protagonista Conceição se abstém de um relacionamento no qual seria apenas uma esposa submissa, uma mãe devotada e uma prendada dona de casa e opta pela integração social, o que *per se* já evidencia as concepções de cunho revolucionário de sua autora. Assim como Rachel, Conceição é afeita aos livros e sua formação autodidata reforça a diferença ideológica entre elas e suas congêneres. A Conceição de Rachel de Queiroz neste clássico de nossas Letras é a típica mulher do início do século XX, a meio caminho entre a criação de vínculos impostos pelo matrimônio (e a conseqüente maternidade) e a emancipação. O fato de optar por não casar-se e criar sozinha o afilhado é uma patente demonstração de ousadia para a época porque é, em poucas palavras, uma afronta ao paternalismo reinante, levantada por uma jovem de 20 anos de idade em sua obra primeira, quando ainda era completamente desconhecida do público leitor. Esta heterotopia é defendida por Foucault (*apud* GOMES, 2010). Conceição se converte, então, na primeira protagonista híbrida da história da autoria feminina brasileira conforme Gomes (*ibidem*, p. 53):

Além de sua preocupação com causas femininas, ela não deixa de ajudar aos retirantes e faz trabalhos de assistência social. Ela também pode ser vista como um projeto de resistência da personagem feminina brasileira por não se conformar com a submissão ao casamento. [...] Por meio de um tema próprio da região, a autora dá sua contribuição para debater a formação intelectual da

mulher sem abrir mão da solidariedade e da cumplicidade indispensáveis quando estamos diante do caos social.

Recalcando na protagonista seu *alter ego*, Rachel de Queiroz a afasta do socialmente desejável e previsível. Assim as descreve Ribeiro (2012, p. 150):

La protagonista y autora pertenecen a la clase media, sus familiares poseen tierras, son consideradas en su medio de origen futuras herederas. Igualmente sabemos que tanto Rachel como Conceição son dos jóvenes de familias tradicionales, las abuelas eran matriarcas del sertão y los abuelos y padres profesionales liberales, ambas familias tenían una biblioteca que se destacaba en la región con una gran variedad de temas. Ambas vivieron entre el campo y la ciudad, pasaban el verano en la ciudad estudiando y en el invierno se iban al sertão a descansar y a vivir la vida campesina. Allí se entregaban a la intensa lectura, lo curioso es que tanto Rachel como Conceição tenían el mismo gusto en cuanto a la lectura y por lo tanto leían los mismos libros, fueron estas lecturas las que influenciaron en la escritura y el modo de vivir de ambas. Conceição tal vez sea, de las protagonistas de Rachel de Queiroz, la que más demuestra preocupación con lo intelectual, pues, además de la lectura variada, escribía poemas y un libro sobre pedagogía y, aún, citaba a Nordau y a Renan. Las dos fueron Normalistas, y se hicieron profesoras y escritoras. Además vivían en Fortaleza por sus profesiones. Aunque la literata fuera dos años más pequeña que su protagonista, describe con precisión la sociedad y las costumbres que ambas vivieron y presenciaron en la sociedad de Fortaleza de los años 20 y de los inicios de los 30.

Sem inclinações matrimoniais nem maternais, Conceição não se sente pertencente ao sertão nem se encaixa na cidade, onde não tem casa própria e necessita se mudar de tempos em tempos, quando o contrato de aluguel expira. Vista por outro prisma, a protagonista é alguém que busca se encontrar como singular na pluralidade de seu meio, incapaz de enquadrar-se no que lhe é imposto assim como incapaz é de trilhar outro caminho e ser aceita socialmente ao mesmo tempo. Trocando em miúdos:

Esse talvez seja um dos principais motivos da sobrevivência de *O quinze* ao passar dos anos. Dialoga com sua época, mas não se prende a ela. E as questões que aborda são problematizadas até hoje: a mulher ainda busca um novo lugar na sociedade, a divisão entre cidade e sertão persiste, e pouco se fez para atenuar os efeitos da seca e a miséria no sertão (CATTAPAN, 2012, p. 113).

É interessante perceber que a autora normalmente vincula suas protagonistas à orfandade. Guerellus (2009) faz uma leitura curiosa desta lacuna na vida de personagens como Conceição, por exemplo. Para a estudiosa, esta carência de figuras maternas e paternas significa algo maior: a solidão da busca da própria liberdade. Como Rachel de Queiroz concebe a mulher como um ser que não nasceu para viver confinada à egrégora do lar que a acolhe, seu discurso perpassa questões meramente figurativas

como a presença ou a ausência dos genitores para mergulhar na questão da mulher como arquiteta de seu próprio destino. Desta maneira, suas protagonistas escapam do casamento e de uma existência destinada à monotonia de cuidar da família e de descuidar de si. A emancipação feminina que Rachel pregava não a impediu de casar-se duas vezes e de ser mãe, embora sua única filha, Clotilde, morrera-lhe aos dois anos, deixando-a para sempre desolada por esta perda jamais superada.

A mulher, inserida ou não no contexto que define como ideal para si é um reflexo da jovem Rachel de Queiroz, que aos 20 anos legou-nos uma obra que se fez clássica por muitas razões; uma delas porque reflete a escritora ousada por detrás de um romance despretensiosamente singular. A seguir, analisamos a relevância desta escritora para a Literatura brasileira.

### **A importância de Rachel de Queiroz como escritora**

Nascida em Fortaleza em 17 de novembro de 1910, em uma família politicamente influente, provida de recursos financeiros e impregnada de amor pela cultura, suas origens remontam ao sertão, à Quixadá e Beberibe, onde a figura da mulher desejável era moldada como sendo branca, pouco instruída, obediente, prendada e desejosa de uma vida pautada entre o marido e os filhos. O esperado era que a mulher se conformasse com a reclusão em casa. Com sua educação aprimorada no estudo e na leitura constantes, percebemos em Rachel uma tensão característica das intelectuais de sua época, divididas entre os antigos modelos de comportamento social feminino e os avanços neste sentido, oriundos de países desenvolvidos como França, Itália e Inglaterra. Rachel queria conhecer o mundo e escrever para que o mundo a lera; nada semelhante a algumas de suas familiares mais diretas no interior do estado do Ceará, que sonhavam com casar muito jovens, ter muitos filhos e devotar-se completamente ao marido e ao lar.

Rachel de Queiroz teve a infância e a adolescência mergulhadas na Literatura; tinha, pelo lado materno, ligação sanguínea com José de Alencar e orgulhava-se do caráter revolucionário e culto desta família que teve, entre suas grandes mulheres, Bárbara de Alencar, a primeira heroína brasileira, participante ativa da Revolução Pernambucana de 1817 e da Confederação do Equador, em 1824. Tanto os Queiroz como os Alencar eram famílias empoderadas naqueles idos e suscitavam o respeito e a admiração entre seus conterrâneos.

Rachel, a primogênita de quatro filhos, aprendera a ler através de manchetes de jornais. Como em sua casa a leitura era mais que um hábito, um prazer, lia de tudo o que lhe aparecia: de revistas aos clássicos como Tostoi, Dostoiévski, Gorki, Balzac, Anatole France, Eça de Queiroz, Júlio Verne e Machado de Assis (OLIVEIRA *et al.*, 2012, p. 207). Sua avó influenciara-lhe o gosto pelos idiomas; sua mãe, o amor pelos livros, e seu pai, a apetência pela política e pela justiça social. De sua mãe herdou cinco mil livros e a devoção por Machado de Assis e de seu pai, a verve combativa e a coragem de dizer o que pensava. Sua família organizava saraus, peças de teatro, recitação de poemas, leituras grupais e outros eventos culturais e a avó de Rachel exigia que as netas lessem para ela em francês, tamanha era a erudição de sua família (GUERELLUS, 2009). Contando com pessoas tão sensíveis em seu entorno primeiro, Rachel teve o apoio dos seus quando decidiu emancipar-se e, principalmente, quando se envolveu em querelas políticas, algumas das quais saiu direto para a prisão.

Educada formalmente em casa até os dez anos, entrou para o Colégio da Imaculada Conceição, tradicional escola fortalezense e referência de educação religiosa no estado do Ceará, para daí concluir os estudos na Escola Normal aos quinze. O pai, Daniel de Queiroz, seguira a carreira jurídica; devido a isso, a família se mudava constantemente, o que contou positivamente para a nossa escritora, que ampliou seus horizontes e sua cultura de mundo. Passados alguns anos, ele desistiu de seu labor e voltou para o sertão, repassando à Rachel e a seus irmãos o valor da terra. Rachel, aos dezesseis anos, já escrevia profissionalmente sobre os modernistas de São Paulo, as conquistas feministas e a participação política ativa das mulheres (GUERELLUS, 2009) na página literária do jornal *O Ceará*, onde recebia cem mil réis como salário (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

Seu *debut* literário deu-se com a publicação de *O Quinze*, financiada por seu pai em 1930, quando contava apenas vinte anos de idade. No romance, a autora reflete suas inquietações quanto às questões sociais e suas personagens são habilmente tratadas no que se diz respeito à análise psicológica: “Com essa obra, a autora inicia sua galeria de personagens que não aceitam o ‘destino de mulher’, pois optam por viver fora das regras do patriarcado” (GOMES, 2010, p. 45). O sucesso e o reconhecimento foram imediatos. Algumas das razões para tal são expostas por Guerellus (2009, p. 6), a saber:

Rachel de Queiroz cumpriu alguns objetivos do próprio modernismo: a simplicidade, a objetividade e a clareza do texto. Por outro lado, os modernistas também conheciam escritoras importantes no ambiente

internacional e talvez esperassem uma correspondente no Brasil. O espaço da escrita, portanto, estava aberto a elas, mas o fato de serem mulheres continuava a ditar o que deveriam ou não escrever.

Ribeiro (2013) observa que a escritora, apesar de fazer uso de uma linguagem coloquial para expressar os sentimentos de suas personagens, que se distancia da desconstrução linguística característica dos modernistas, aproxima-se da erudição europeia, uma vez que Rachel de Queiroz era uma leitora voraz de autores portugueses e assimilara bem a estrutura semântico-gramatical dos lusitanos. Seu amor pelo estudo e pelo aprendizado a levou a ser uma destacada jornalista, tradutora, cronista, dramaturga e romancista. Foi a primeira escritora brasileira a ganhar o Prêmio Camões, em 1933, o maior prêmio em se tratando de língua portuguesa e, quebrando tabus hegemônicos e falocêntricos, foi a primeira escritora a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Por ocasião do centenário da Academia Cearense de Letras, em 1994, tornou-se um de seus membros a partir de então.

Ao embrenhar-se pelo mundo das Letras e da política em uma época em que estes campos eram impermeáveis ao elemento feminino, Rachel de Queiroz estabeleceu um divisor de águas importante no que concerne à presença e relevância da mulher na sociedade. Devido à sua conduta e estilo literário, houve quem duvidasse de sua identidade quando da publicação d'*O Quinze*, como Graciliano Ramos (1982, p. 137):

O quinze caiu de repente ali por meados de 1930 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. Depois, conheci João Miguel e conheci Rachel de Queirós, mas ficou-me durante muito tempo a ideia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever João Miguel e *O quinze* não me parecia natural.

Por este depoimento de um ícone de nossa Literatura acerca da autora, podemos delinear com que surpresa o mercado editorial brasileiro recebeu *O Quinze*. Em uma sociedade profundamente patriarcal, onde as moças da idade de Rachel àquela época tinham a “obrigação” de serem doces e pusilânimes, uma jovem escritora com seu perfil causou assombro e descrença, uma vez que “à escrita feminina era permitido apenas o sentimentalismo romântico. A literatura racional, ‘séria’, considerada então como a literatura de qualidade, era território de homens” (CATTAPAN, 2012, p. 105). Há que se considerar que ela já poderia ser denominada de intelectual aos dezesseis anos, quando iniciou seu trabalho jornalístico em *O Ceará*. Assim como ela, outras, mas

nem por isso aquele contexto concebia uma jovem escritora estreada ousada a ponto de ter sua escrita confundida com a masculina, tamanha era a convicção que suas palavras supunham.

Os ideais que a inspiraram a levaram a abraçar o Comunismo posteriormente e pagar um preço relativamente alto por defender ideias que destoavam do que era socialmente aceito como ideal para uma mulher naqueles idos. Tempos depois, Rachel demonstrou simpatia pelo Golpe Militar de 1964 e passou a ser vista com reserva pelos intelectuais de esquerda da época, que sofreram os resultados das perseguições políticas na própria carne, com as inevitáveis torturas (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

Rachel legou-nos sete romances (todos sucesso de vendas e premiadíssimos), traduções várias de autores clássicos, livros infanto-juvenis e memorialistas, além de inúmeras peças de teatro; teve igualmente parte de sua obra transformada em séries e filmes (OLIVEIRA *et al.*, 2012). Resumidamente, ela foi o modelo sobre o qual muitas outras escritoras se basearam para imprimir sua marca na Literatura e mudar os rumos da escrita feminina em nosso país. Analisando-a sob o prisma dos estudos de Gênero, Rachel foi, como aponta Guerellus (2009, p. 1-2):

[...] uma das primeiras a complexificar a personagem feminina através de seus romances e crônicas, contrapondo-se ao estereótipo criado pela obra de autores brasileiros desde o Romantismo do século XIX e perpetuado pelos companheiros de letras de Rachel de Queiroz no século seguinte.

Curiosamente, embora tenha contribuído decisivamente para com as nossas feministas, escritoras ou não, Rachel de Queiroz descarta o rótulo de “feminista”, como podemos vislumbrar através de suas palavras: “Eu sempre tive horror das feministas; elas até me chamavam de machista. Eu acho o feminismo um movimento mal orientado. Por isso tomei providências para não servir de estandarte para ele.” (QUEIROZ, 1997 *apud* HAIDUKE, 2008, p. 69). Conforme Guerellus (2009, p. 32): “sua fuga deste epíteto marca quase toda a trajetória de sua obra, provocando enormes confusões quando procuramos definir concepções de gênero através do estudo sobre ela”.

### **Considerações finais**

Assim foi Rachel de Queiroz, indefinível: deu voz às mulheres de sua geração, mas não abraçou a causa feminista; foi uma intelectual poliglota mas escrevia de tal maneira simplificada que os sertanejos a lêem e com ela se identificam;

tratava da mulher que buscava a emancipação mas que não se interessava pelo casamento e a prole quando ela casou-se duas vezes, com um divórcio polêmico pelo meio, e foi mãe. Da mesma forma que *O Quinze* é um romance de contrastes, assim foi Rachel de Queiroz, mas acima de tudo: um marco literário, um ícone, um exemplo.

A plêiade de mulheres especiais como o foi nossa autora, que precocemente mostram ao mundo ao que vieram, está cada vez mais escassa nos dias atuais, haja vista os modelos identificatórios inferiores que pululam nas mídias e que, infelizmente, a grande massa traga sem filtrar.

Passados cem anos da Seca do Quinze, ainda não fomos capazes de solucionar o problema das estiagens sazonais que assolam o sertão nordestino porque a “indústria da seca”, corrupta e preponderante, amordaça nossa indignação e ceifa nossas atitudes combativas. Passados oitenta e cinco anos de sua publicação, *O Quinze* ainda é o retrato de nossa realidade de penúria, solidão, desencontros e frustrações. Passados doze anos de seu falecimento, Rachel de Queiroz continua sendo a voz da seca, a embaixadora do sertão, o *alter ego* dos sertanejos que, como ela, levam uma vida pendular, em busca de melhores dias.

O que leva a gente a escrever o primeiro livro? Não sei. (...) O que tinha lido de literatura sobre seca não era satisfatório para mim e quis dar uma espécie de testemunho. E, com essa petulância da juventude, eu me meti a escrever o romance (Rachel de Queiroz).

## REFERÊNCIAS

- CATTAPAN, Júlio César Rodrigues. 2012. O quinze: contrastes e tensões. **Revista Diadorim**, vol. 7, Dossiê Rachel de Queiroz, Rio de Janeiro, p. 99-114.
- GOMES, Carlos Magno. 2010. A aula de alteridade em O quinze. **Revista Diadorim**, vol. 7, Dossiê Rachel de Queiroz, Rio de Janeiro, p. 45-56.
- GUERELLUS, Natália de Santanna. 2009. **Rachel de Queiroz: mulher, escritora, personagem**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, p. 1-11.
- HAI DUKE, Alessandro Andrade. 2008. **Chão Partido: conceitos de espaço nos romances O quinze de Rachel de Queiroz e A bagaceira de José Américo de Almeida**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Mestrado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná. 125p.
- OLIVEIRA, Maria Eveuma de; FREIRE, Manoel; CHAVES, Sérgio Wellington Freire. 2012. **Rachel de Queiroz: uma Mulher à Frente do seu Tempo**. Pontos de Interrogação, vol. 2, nº 1, p. 203-215.

QUEIROZ, Rachel de. 1937. **O Quinze**. Rio de Janeiro: Editora do Brasil.

RAMOS, Graciliano. 1982. **Linhas tortas**. São Paulo: Record.

RIBEIRO, Lilian Adriane dos Santos. 2012. *O Quinze*, de Rachel de Queiroz: aspectos autobiográficos y de género. **Gênero na Amazônia**, p. 133-162.

RIBEIRO, Maria Aparecida. 2013. A sertaneja que não quis ser traduzida: Rachel de Queiroz e a Livros do Brasil. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, nº 53, p. 13-26.

SCOVILLE, André Luiz Martins Lopez de. 2011. **Literatura das Secas: Ficção e História**. Tese Doutoral. Universidade Federal do Paraná, Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes. 240p.

## **JESUÍNO, O PROFETA, DE CHICO ANYSIO: O MESSIANISMO EM SEUS ASPECTOS TEOLÓGICOS**

Joaquim Lopes da Silva Neto<sup>21</sup>  
Sebastião Alves Teixeira Lopes<sup>22</sup>

### **Resumo:**

O presente artigo apresenta *Jesuíno, o profeta*, de Chico Anysio, como *corpus*. Romance constituído pelas andanças da personagem Jesuíno pelo Sertão do Nordeste, carregando consigo profecias positivas, cujo intuito seria de atenuar a sensação de penúria a que o sertanejo, ao longo do tempo, se vê acometido. O autor revela na

---

<sup>21</sup> Mestre em Letras (Estudos Literários) – UFPI (Universidade Federal do Piauí)  
E-mail: jocanettu@hotmail.com

<sup>22</sup> Doutor em Letras – UFPI (Universidade Federal do Piauí)  
E-mail: slopes10@bol.com